

INDÍGENAS EM FILMES DE TERROR: ENTRE CLICHÊS E ESTERÓTIPOS

Mariana Aparecida dos Santos da SILVA¹, Rafael Adelino FORTES², Noemi dos Reis CORREA³

Estudante do curso técnico em Meio Ambiente integrado ao ensino médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Juína, Mato Grosso, Brasil. 2Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Juína 3Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Juína. E-mail para correspondência: santosmarianna2019@gmail.com; rafael.fortes@ifmt.edu.br; noemi.correa@ifmt.edu.br

1 Introdução

A questão da visibilidade de indígenas em filmes de terror é quase que uma dívida histórica que Hollywood tem com os povos originários. Estes sempre ligados ao exótico, o desconhecido. No contexto de colonização nos Estados Unidos, ao entrar em contato com os puritanos foi algo devastador. O demônio e o demoníaco estavam presentes em comunidades indígenas. Ao pensar nisso, marca-se a questão repressiva do Estado, o qual dá conceitos de família, religião, sexualidade e até mesmo raça.

Ao observar filmes como Manitou (1978), vê-se o grotesco chegando aos limites do ridículo, pois transparecer uma filmagem onde descreve o impedimento de um feto nascer porque ele é um espírito de um indígena de 400 anos que busca vingança, faz com que telespectadores tenham a mesma visão que os produtores da obra. Outro conceito e clichê que não saiu de obras cinematográficas, foi cemitério indígena, encontrado nos filmes: O Cemitério Maldito (1989), na nova versão de Cemitério Maldito (2019), em Amityville 2 - A possessão (1982), e na refilmagem The Amityville Horror (2005).

O que essas comunidades sofreram e sofrem todos os dias por representações deploráveis como estas citadas que demonizam sua cultura, não podem ser mensuradas. Na era atual, na qual o lema é representação de todas as classes e ouvir as vozes daqueles que não são ouvidos, o reflexo do passado atinge muito o presente, no cinema, comunidades indígenas foram representadas por Hollywood, que é uma das grandes indústrias cinematográficas e por conseguinte a mais consumida, desprezam esses povos das mais variadas formas.



O objetivo deste trabalho é trazer uma visão crítica para a sociedade contemporânea sobre os indígenas e a sua demonização nos filmes de terror, por meio da visualização das obras cinematográficas com a temática do horror, detectando aspectos que marginalizam as diferentes e inúmeras comunidades e povos ameríndios, como os longas-metragens “Amityville 2 - A Possessão” e “O Cemitério Maldito”.

2 Procedimentos Metodológicos

Para desenvolver as análises foram escolhidas algumas obras cinematográficas que tratavam do tema em questão. Além das já citadas na introdução, também entraram Poltergeist (1982) e Poltergeist II – O outro lado (1986). Para o desenvolvimento da pesquisa consideraram alguns fatores como: análise detalhada dos filmes selecionados, identificando elementos específicos que contribuem para a demonização dos indígenas, observações sobre diálogos, cenas e imagens que perpetuam estereótipos prejudiciais, o contexto histórico da colonização nos Estados Unidos e o impacto dessa colonização nas comunidades indígenas e eventos históricos que influenciaram as representações culturais nos filmes analisados.

3 Resultados e Discussões

Existe um grande problema em filmes que retratam grupos minoritários tais como, indígenas, negros, LGBTs, povos oriundos de ex-colônias, dentre outros. Com relação aos indígenas, (DANIELS, 2012, p. 169) afirma que,

A cultura popular deu aos nativos da Nova Inglaterra papéis limitados no espetáculo puritano. Vemos eles saudando os Peregrinos na fundação de Plymouth; os creditamos por compartilhar tecnologias agrícolas e de pesca com os primeiros colonos; e, é claro, eles são os parceiros naquele famoso primeiro Dia de Ação de Graças que inicia a América em seu destino multicultural[...] A verdade crua é que os nativos da Nova Inglaterra foram praticamente expulsos da região até o final do século XVII, mas não saíram voluntariamente, não saíram sem lutar e não saíram sem sofrimento. Os puritanos destruíram conscientemente e deliberadamente a civilização nativa para abrir espaço para a deles. Enquanto subjugavam a terra e tentavam subjugar o Diabo, eles também subjogaram uma cultura florescente.

Em outras palavras, aprenderam a tecnologia agrícola com os indígenas para depois expropriá-los. Algo que depois com o imaginário coletivo atribuem a esses povos a questão de convertê-los ao cristianismo como forma de impor uma só crença para facilitar o controle social. A questão é demonizar a cultura do outro, algo que Césaire (2020), ao falar sobre o discurso sobre o colonialismo enfatiza que,



o grande responsável nesse campo é o pedantismo cristão, por ter elaborado as equações desonestas: cristianismo= civilização; paganismo= selvageria. Das quais só poderiam resultar em abomináveis consequências colonialista e racistas, cujas vítimas seriam os índios, amarelos e negros (p.11).

No caso de Manitou – O espírito do mal (1978), baseado na obra de Graham Masterson, publicada em 1976, é um filme que a imaginação criativa corre solta. Uma narrativa em que aparece em uma mulher um tumor e é hospitalizada. Quando se descobre essa deformação é a reencarnação de um espírito demoníaco de um indígena de 400 anos. O que depois foge das mãos do médico para dar origem a uma espécie de exorcismo xamânico, cheio de misticismo, senso comum o que se torna uma batalha bizarra entre o bem e o mal.

Outro ponto que favoreceu muito para demonizar o desconhecido foram as revoluções que aconteceram na segunda metade do século XX nos Estados Unidos. A segunda onda feminista, o movimento hippie, Woodstock em 1969. Movimentos como esses contribuíram para uma histeria coletiva nas artes. Sim, o cinema de terror traz um fundo moralizante porque é um grande espaço para que povos e culturas marginalizadas apareçam na tela para causar o terror mediante a governos conservadores. Pode parecer que não, mas a ideologia conservadora caminhava quase que paralelamente com o que se produzia nos filmes de terror das décadas de 1970 até final dos anos 1990.

Em 1979 surge nos cinemas The Amityville Horror, o filme anunciado como uma história verdadeira consiste em uma família ter comprado uma casa que foi cenário de seis assassinatos, a família Lutz compra a casa e percebe que ela é assombrada até descobrir que,

o local de sua casa já tinha sido usado pelos índios Shinnecock "como um cercado para os doentes, loucos e moribundos. Esses desafortunados eram mantidos ali até morrerem de exposição." Anson afirmou ainda que "os Shinnecock não usavam esse terreno como um monte de enterro consagrado porque acreditavam que estava infestado de demônios" (DICKY, 2017, p. 52).

O fato de os indígenas Shinnecock terem habitado aquela região foi desmentido depois, uma vez que eles habitavam cerca de 80 quilômetros de distância da famosa casa. Mas o que deveria permanecer era a ideia do mal proveniente de famílias e culturas que não pertencesse ao cristianismo.

Primeiramente essa ideia de cemitério no gênero horror se originou em 1978, quando o diretor Sam Raimi, conhecido por criar o sanguinolento Evil Dead , desenvolveu o curta



Within the Woods, no qual, um grupo de jovens é atacado por espíritos de indígenas porque estão aproveitando o fim de semana numa cabana construída em cima dos cadáveres dos nativos (FÉLIX 2021). Por vez o mais o que acabou se tornando mais clássico do tema foi justamente Cemitério Maldito.

Em 1982, em Poltergeist retrata a história da família Bowen que se muda para uma casa. A filha do casal é sequestrada por espíritos malignos e os pais buscam ajuda para trazer a criança de volta, o filme não deixa claro que a casa foi construída em cima de um cemitério indígena, apesar de no final do filme ficar claro que as construções daquele bairro foram construídas sobre um cemitério. Mas é em 1986 em Poltergeist II que fica evidente que a casa foi construída em cima de um cemitério indígena, isso se dá por meio de flashbacks no início do filme fazendo referência ao primeiro. Indígenas são inseridos no começo do segundo filme realizando rituais excêntricos.

Um outro caso é do filme O Cemitério Maldito (1989), entra em um clichê, assim como várias outras obras, que vem da década de 70, no qual envolve uma construção urbana ou uma civilização em cima dos corpos desses povos. Isto está ligado ao medo dos estadunidenses de perder sua propriedade privada, pois historicamente essa terra foi conquistada de forma violenta e sangrenta, então a ideia de preconceito contra os nativos trouxe uma forma de fazer obras inspiradas em livros, mas mudar pequenos detalhes que se transformou em um emaranhado de problemas sociais (Dickey 2016).

A obra retrata questões sentimentais como um pai de família que não quer contar a morte do animal de estimação para seus filhos, pois teria que entrar em contato pela superação do luto. Por mais que essa fosse a preocupação do pai, ele fica sabendo pelo vizinho de um cemitério indígena, que se você enterra algo morto lá ele acaba voltando à vida, entretanto o vizinho alerta que o ressuscitado não volta normal. Mesmo assim, o homem enterra o animal de estimação e dessa forma acontecimentos estranhos começam a se manifestar.

O que se pode perceber nos filmes aqui citados são, indígenas como vilões, que após perder suas terras deixam algum tipo de maldição, em cemitérios, terrenos improdutivos, os quais se utilizam de suas crenças e religiões para usarem seus poderes para o mal e com isso mostram esses personagens como selvagens tirando-lhes sua individualidade o que proporcionam visões distorcidas e negativas de sua cultura.

4 Conclusão

Embora, mesmo que essa temática de estereotipar indígenas e sua cultura como o estranho, fantasmagórico e exótico, até mesmo grotesco, permeie ainda no imaginário americano, nessas obras não são citadas o terror que foi a colonização nas Américas, mas revalidam o ressentimento dos indígenas ao perder suas terras.

É notável como o sensacionalismo que costumava ser evidente na representação de rituais funerários e religiosos em filmes de terror evoluiu para se tornar uma espécie de lenda popular, agora encontrando expressão na comédia. Isso é exemplificado em programas como Os Simpsons e South Park, onde esses clichês são satirizados.

Mesmo que o cinema contemporâneo tenha avançado na produção de obras que buscam retratar indígenas de forma mais autêntica, é notável que essa representação ainda não tenha encontrado espaço nos filmes de terror. No entanto, é importante ressaltar que os indígenas, assim como outros grupos minoritários, continuam a carregar uma pesada dívida histórica em relação às produções cinematográficas de Hollywood, especialmente no contexto do gênero de terror.

A ausência de representações mais justas e respeitosas dos povos indígenas nesse gênero perpetua estereótipos prejudiciais e negligencia a rica diversidade de culturas e perspectivas presentes nas comunidades indígenas. Neste sentido, é fundamental que a indústria cinematográfica reconheça essa dívida histórica e se comprometa a repará-la, proporcionando um espaço onde as vozes e histórias dos indígenas possam ser adequadamente exploradas e representadas no gênero de terror e em todas as formas de expressão artística.

Referências¹

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

DANIELS, Bruce C. **New England Nation: The Country the Puritans Built**. Palgrave Macmillan, 2012.

DICKEY, Colin. **Ghostland: An American History in Haunted Places**. Estados Unidos: Penguin Publishing Group, 2016.

FELIX, Ingrid. **De Amityville a Poltergeist**: como Hollywood criou o clichê dos cemitérios indígenas mal-assombrados. Revista Torta, [S.I.], 6 de ago 2021. Disponível em: <https://medium.com/revistatorta/de-amityville-a-poltergeist-como-hollywood-criou->

¹ As obras em outros idiomas foram traduzidas pelos autores.



oclich%C3%AA-dos-cemit%C3%A9rios-ind%C3%ADgenas-mal-
assombrados544f3eacfbc2. Acesso em: 13 de ago de 2023.